

Sem lutas unitárias entre professores, estudantes e pais a maldita reforma do ensino médio não será revogada

A reforma do ensino médio feita via decreto pelo governo golpista de Michel Temer é parte das contra reformas ultraliberais, das quais a burguesia recorre para manter o parasitismo financeiro nas semicolonias e garantir suas taxas de lucro perante aos seu sistema capitalista em decomposição. É importante que nós professores e a comunidade escolar em geral não tenhamos qualquer ilusão de que esta será revogada pelos governos, ao contrário a crise é cada vez mais profunda e impõe que estes seja de direita, estrema direita e até mesmo os da “esquerda” continuem a descarrega-la sobre as nossas costas. A suspensão desta por três meses é apenas para ganhar tempo para negociar com as direções pelegas um ou outro ponto de uma reforma que visa destruir o que restou do ensino médio, para depois legitimar sua privatização.

Nos países semicoloniais como o nosso, se o estado não garantir o acesso à educação e saúde, os explorados não teriam acesso a estes serviços, basta ver qual é a condição dos explorados em países mais pobres que o nosso como na maioria dos países da África e América Latina. Diante de sua crise, a burguesia precisa quebrar o monopólio do estado sobre esses serviços, fazem todo tipo de pressão para que os governos privatizem as empresas públicas

e terceirizem a educação e saúde. Não é de hoje que a mercantilização do ensino vem se dando com a venda de apostilas, plataformas digitais, materiais de tecnologias, etc. As quadrilhas desde Brasília, passando pelos estados e municípios controlam cada centavo das verbas públicas. Querem ampliar esse controle por via das privatizações.

O atual ministro da Educação Camilo Santana é o mesmo que quando governador do Ceará pelo mesmo PT que se diz ser contra as reformas, aplicou a reforma da previdência em 2019, fazendo igual ao Dória aqui em São Paulo, cercando o parlamento batendo nos funcionários públicos e impondo a reforma contra a vontade destes. A ida da presidente da Apoesp até Brasília para falar com o Lula com certeza faz parte das negociações. A ausência das assembleias para que a categoria trace um plano de lutas para enfrentar os problemas pode levar as lutas que se erguem à derrota.

Transformar o ato do dia 26 de abril em Assembleia para que a categoria possa traçar um plano de lutas para esses e outros problemas enfrentados pela categoria!

A caótica situação das Escolas em São Paulo só se agrava

Nos últimos anos os governos impuseram um conjunto de ataques ao magistério, reforma da previdência, reforma do ensino médio, reforma administrativa, aumento das contratações precárias, entre outros. O resultado são escolas cada vez mais insalubres onde a maioria dos profissionais da educação encontram-se doentes e estafados pelas jornadas maiores e salas hiperdotadas.

Estamos chegando no segundo bimestre e desde o início do ano a falta de funcionários persiste, não existem merendeiras em número

suficiente, as vezes uma única funcionária para limpar uma escola inteira. Essas trabalhadoras são contratadas por firmas terceirizadas que já virou rotina darem o golpe de “declararam falência” deixam os trabalhadores sem salários e os direitos trabalhistas. Na maioria das escolas faltam também expectores de alunos que nos últimos anos também têm sido contratados de forma precária. Como podemos perceber as escolas estão cada dia mais sucateadas com os funcionários trabalhando sobrecarregados.

Esse ano as atribuições foram uma

completa fraude, criou-se a mentira de que o “sistema errou a pontuação”. As atribuições foram e continuam sendo uma completa fraude, na verdade o governo se aproveita do desemprego para impor o rodízio de uma parcela dos professores de aulas foram completamente autoritárias, as diretorias de ensino juntamente com os diretores atribuíram aulas como quiseram, passando por cima dos direitos dos professores com maior pontuação. Como podemos ver o governo se aproveita do exército de desempregados para impor o rodízio da mão de obra entre os professores,

evitam atribuir aulas para uma parcela dos professores que já carregam como marca da profissão as doenças.

Como parte dos problemas os governos nos últimos anos fecharam os períodos noturnos, fecharam a maior parte da EJA e agora quer impor mais fechamento de salas.

Esses fechamentos que provocaram nos últimos anos a hiper lotação das salas e das escolas como um todo. É nesse cenário que a violência nas escolas têm aumentado cada vez mais, ampliando a destruição físico e mental de professores e estudantes.

Todos esse são problemas

que só podem ser enfrentados de forma coletiva. Nesse sentido o instrumento de democracia para se debater e deliberar ações contra os governos é a assembleia. É um completo absurdo que a direção da Apeoesp ainda não tenha chamado uma assembleia para tratar de todos esses problemas.

A onda de ataques nas escolas é fruto da decadência do capitalismo

A escola pública como parte da sociedade reflete os problemas sociais de desagregação do tecido social. A onda de massacres e violências nas escolas está ligada ao conjunto de elementos que são consequências da crise estrutural do capitalismo. O desemprego, a fome, a miséria contra as mulheres, os negros, os indígenas, os homossexuais e grande parcela da juventude é parte da destruição das forças produtivas do capitalismo em decadência. O que ocorre nas escolas vêm dessa base material e é piorada por uma política de sucateamento dos serviços públicos.

Nos últimos anos os cortes das verbas públicas para a saúde, atingiu em cheio o acesso aos tratamentos de pessoas com doenças mentais. No governo Bolsonaro por exemplo cogitou-se a possibilidade da volta do tratamento de eletrochoque e dos manicômios. Aqui percebemos o imenso retrocesso que a burguesia tenta impor aos problemas do crescimento dos doentes mentais e sua incapacidade de cuidar da saúde das massas. É perceptível que a crise se intensificou nos pós pandemia, atualmente em algumas cidades para se ter acesso a um psiquiatra demora-se mais de 6 meses a 1 ano. Em muitas cidades não existem acesso a esse tipo de medicina nem os remédios mais básicos e muito menos os remédios contra a depressão que no geral são caros.

Diante da pressão social a partir dos ataques, os governos anunciaram uma série de medidas que não resolverão o problema. Desde as mais reacionárias como redução da maioridade penal, treinamento e armamento dos professores como propõe um vereador de São Paulo através de projeto de lei, colocação de policiais dentro das escolas como propôs o governador bolsonarista Tarcísio de Freitas. Podem fazer de tudo, contratar psicólogos, fecharem as escolas, colocar seguranças etc. todas essas medidas fracassarão, pois elas não tocarão na raiz do problema que é a desagregação da economia capitalista e suas consequências aos explorados.

Defender a vida das massas, romper com a conciliação de classes e defender o método da luta de classes.

Como é possível enfrentar os problemas? Quando todos tiverem acesso aos empregos inclusive a juventude que é a que mais sofre com o desemprego e subemprego; quando existir um salários mínimo vital que segundo o DIEESE hoje está em torno de 6.484 reais, capaz de garantir a dignidade das famílias e não os 1300 reais proposto pelo governo Lula e aceito pelas centrais; quando a escola pública for verdadeiramente científica e estiver voltada a produção social, rompendo assim com o divórcio entre teoria e prática, permitindo que os jovens passem quatro horas nas escolas e 4 na produção.

Essas conquistas não serão dadas pelos governos, não podemos esperar o socialismo para conquistá-las. Elas serão fruto da luta de classes, praticamente abandonada pelos sindicatos e centrais nesse último período no Brasil. Para chegarmos a essas conquistas que não são nada difíceis ao considerarmos o alto grau do desenvolvimento das forças produtivas, precisamos antes resolver o problema central e bastante difícil que é a crise de direção. Não só na Apeoesp, mas na maioria dos sindicatos e movimentos sociais, as direções freiam as lutas e as desviam para o campo da política burguesa, quebrando a unidade dos movimentos e difundindo as ilusões entre os explorados no parlamento e justiça burguesa. É obrigação das centrais e sindicatos defenderem a vida dos explorados é preciso construir a unidade entre as centrais e sindicatos para lutarmos em defesa do emprego a todos com a **escala móvel das horas de trabalho** (dividir as horas de trabalho a todos os aptos a este), somente assim quebraremos o exército de desempregados que a burguesia e os patrões usam para diminuir o valor da força de trabalho. É dever dos organismos de luta dos explorados defender o **salário mínimo vital** conta a miséria salarial que vive a maioria dos brasileiros. É preciso ter claro que para arrancar esses direitos é preciso romper com a política de conciliação de classes hoje imposta pelas direções e erguermos os métodos proletários das lutas, com as greves, piquetes, ocupações, entre outros.

≡ **Abaixo a Reforma do Ensino Médio! Abaixo ao Fechamento das Salas de Aulas!** ≡
Contra o Desemprego em Defesa da Escala Móvel das Horas de Trabalho! Contra a Miséria salarial em Defesa do Salário Mínimo Vital